

QUARTO DOMINGO DE PÁSCOA

TEXTO: 1 JOÃO 3.16-24

1. Tema do dia

Por mais que o tema do ‘bom pastor’ talvez já esteja em letras maiúsculas e em neon nas chamadas para os nossos cultos, talvez haja outros temas tão importantes quanto esse nas leituras desse domingo. Vamos entender as atitudes tanto do ‘Senhor que é o meu pastor’ quanto do ‘Bom Pastor Jesus’ a partir daquilo que elas são: o amor de Deus. Esse entendimento é justamente aquilo que liga todas as leituras. Portanto, o tema do dia é retirado da epístola de 1 João 3.16: “Nisto conhecemos o amor: que Cristo deu a sua vida por nós”.

2. Panorama das leituras

O salmo 23 nos apresenta o bom pastor que guia seu rebanho em todos os momentos. Ele trás paz, sustenta e garante a manutenção do rebanho. No perigo, o rebanho não precisa temer, pois o pastor está lá para protegê-lo.

A terceira parte do salmo é aparentemente uma espécie de ruptura com a imagem do pastor, e adoção do SENHOR como provedor ou hospedeiro em seu lugar. O Senhor, por sua vontade, trata bem seu filho como alguém que recebe um hóspede da melhor maneira. Ele unge seu hóspede e enche seu copo até transbordar. Por fim, além das bênçãos terrenas, a esperança da vida eterna com esse Senhor coroa o salmo.

Por que o Senhor age assim em relação ao seu rebanho? Podemos encontrar uma resposta na explicação de Lutero (1997) sobre o primeiro artigo do credo no catecismo menor: Deus “supre-me abundante e diariamente de todo necessário para o corpo e a vida; protege-me contra todos os perigos e me guarda e preserva de todo o mal. E tudo isso faz unicamente por sua paterna e divina bondade e misericórdia...”.

O texto de Atos 4.1-12 nos conta sobre a prisão de Pedro e João por conta da pregação e ensino da ressurreição dos mortos em nome de Jesus que causou ‘ressentimento’ nos líderes judeus. Pedro também cita a cura do homem coxo na entrada do templo (At 3.1-9) como motivo da prisão.

Ao serem questionados sobre com que autoridade eles faziam aquelas coisas, ou em nome de quem, respondem que fazem em nome de Jesus Cristo, que por sua vez já havia sido rejeitado pelos sacerdotes, preso, torturado e morto.

Pode-se entender o ‘fazer em nome de’ como ‘ ser autorizado por’ ou ‘agir ou falar em lugar de’. Isso mostra que eles foram incumbidos com a tarefa de curar, ensinar, batizar, etc. pelo próprio Cristo, como bem nos mostra o evangelho de Marcos 16.14-18 (NAA): “Finalmente, Jesus apareceu aos onze, quando estavam à mesa, e censurou-lhes a incredulidade e a dureza de coração, porque não deram crédito aos que o tinham visto já ressuscitado. E disse-lhes:

— Vão por todo o mundo e preguem o evangelho a toda criatura. Quem crer e for batizado será salvo; quem, porém, não crer será condenado. Estes sinais acompanharão aqueles que creem: em meu nome, expulsarão demônios; falarão novas línguas; pegarão em serpentes; e, se beberem alguma coisa mortífera, não lhes fará mal; se impuserem as mãos sobre enfermos, eles ficarão curados.”

Uma ligação entre o texto de Atos com o Evangelho pode estar presente justamente no ‘fazer em nome de’. Pedro e João ensinam, pregam e curam por ordem e em lugar do próprio bom pastor. Isso mostra que eles não são como o mercenário que pouco se importa com a vida as ovelhas, antes, o bom pastor lhes delegou a função de se preocuparem com o rebanho e tomarem conta dele.

Em última análise, agir em nome e por ordem do bom pastor, é também ter a mesma motivação. A epístola de 1 João 3.16 fala sobre essa motivação quando diz: “Nisto conhecemos o amor: que Cristo deu a sua vida por nós”. Dessa maneira, é apenas a consequência natural que aqueles que agem em nome de Jesus, também compartilhem da mesma motivação, por isso João continua e descreve essa consequência: “e devemos dar nossa vida pelos irmãos”. Fato exemplificado no texto de Atos.

O texto de **João 10.11-18** está inserido no contexto (obviamente) do capítulo 9, no qual acontece a cura de um cego de nascença no sábado e dos seus desdobramentos. A parábola do bom pastor faz parte da resposta que Jesus dá para os fariseus que questionaram se eles próprios não eram cegos. É bom lembrar que dentro desse contexto, há um grande problema em relação a aceitação de Jesus como o Cristo por parte dos fariseus.

Quanto à parábola em si, é notável que Jesus esteja usando em todo o capítulo 10 a figura do pastor. Mesmo quando o texto nos mostra que ele está em outra situação (na festa da Dedicção), Jesus faz novamente uma referência ao fato de ele ser o pastor (10.23).

Nos usos que Jesus faz do ‘bom pastor’, fica evidente que ele não deve ser confundido com os falsos pastores, os mercenários. A diferença entre o bom pastor e o mercenário está no fato de que o cuidado para com o rebanho é tanto que o bom pastor dá a sua vida, enquanto o mercenário foge ao sinal de perigo.

Nesse ponto a relação com a epístola está escancarada, pois João deixa claro em sua epístola que a maneira que temos de conhecer o amor de Cristo por nós é no sacrifício que ele fez ao dar a sua vida para que sejamos salvos.

3. Análise do texto base para a mensagem

A epístola de 1 João é bastante rica ao falar sobre o amor de Deus. Ela aponta para o fato de que a vida dos crentes acontece debaixo desse amor e, além disso, é motivada por ele. João também é bastante didático ao ensinar sua família na fé sobre o que é esse amor e qual a relação dele com a igreja.

v.16 João aponta para o fato que melhor demonstra seu ponto. Ele diz que “Nisto conhecemos o amor: Que Cristo¹ deu sua vida por nós”. As palavras “dar a vida” são exatamente as mesmas usadas por Jesus em Jo 10.11 no início da sua parábola quando ele define a característica do bom pastor que o diferencia dos mercenários.

João segue dizendo: “portanto, nós devemos dar a nossa vida pelos irmãos”. Mas quem são nossos irmãos aqui? São os irmãos na fé, propriamente dito (LENSKI, 1945). Esse ‘amar os irmãos’ não é opcional, por isso João qualifica essa atitude do crente quando ele diz “devemos”, pois o uso desse verbo dá uma ideia de obrigação, de estar moralmente obrigado (RIENECKER e ROGERS, 1995).

v.17 “Ora, se alguém possui recursos... mas fecha o seu coração para ele.” O que é fechar o coração? O que isso implica?

A palavra que foi traduzida como “coração” aqui significa “entranhas” e tem relação com sentimento de compadecimento ou misericórdia (RIENECKER e ROGERS, 1995). É o substantivo que está ligado com o verbo usado para descrever o sentimento que Jesus algumas vezes sente e é descrito como ‘compadecer-se’, por exemplo, quando Jesus ressuscita o filho da viúva em Lucas 7.13, ele ‘se compadeceu dela’. Então fechar o coração é não ter misericórdia em relação àqueles que precisam e você tem condições de ajudar. Essa falta de amor implica em pecado, pois “nisto são manifestos os filhos de Deus e os filhos do diabo: todo aquele que não pratica a justiça não procede de Deus, e o mesmo ale para aquele que não ama o seu irmão” (1Jo 3.10).

¹ A palavra “Cristo” não está presente no texto grego, pois João usa no lugar o pronome para fazer referência a Cristo (LENSKI, 1945). Da mesma maneira como é comumente usado, “Ele” para se referir a Deus ou a Jesus.

Lutero (PELIKAN, 1967) propõe um entendimento que relaciona os versículos 16 e 17 quanto à ajuda aos irmãos. No versículo 16 João estabelece que o crente deve agir de maneira similar ao seu mestre e dar a sua vida pelo seu irmão. Esse é o alto padrão que deve guiar a vida do cristão. Se a própria vida do crente deve estar “à disposição” do próximo, quanto mais os bens deste mundo que uma pessoa tem deverão ser usados para o benefício dos irmãos.

v.18 “não amemos de palavra, nem da boca pra fora, mas de fato e de verdade.”

Talvez no português brasileiro a expressão ‘de fato’ seja sinônimo de ‘de verdade’ em muitos casos, mas aqui a expressão ‘de fato’ tem a ver com ação ou obras.²

Amar ‘da boca pra fora’ é uma mentira, um embuste. João conecta inseparavelmente aqui amor com ação, e o versículo 16 não nos deixa ter dúvida alguma. Deus não disse: “Como eu amo esses humanos que eu criei. Que pena que todos vão para o sofrimento eterno! Se pelo menos houvesse algo que eu pudesse fazer por eles!”, mas ele agiu no tempo certo para redimir sua criação.

Lutero (PELIKAN, 1967) volta seu foco para a ideia de que João não está defendendo que se ame alguém pela recompensa que esse amor pode trazer. Não se deve amar aquela pessoa que é fácil de amar e que pode trazer algum benefício pra você, mas “todos os dons que temos devem ser usados para servir aqueles que não os tem. Por exemplo, aquele que é estudado deve servir aquele que não é estudado; aquele que é rico deve servir aquele que é pobre; aquele que é consciente deve servir o que é tolo, etc.”

v.19 “E nisto conheceremos”. Nisto o que? Ora, nas obras do amor que são consequência da fé. “Se eu não sou movido pela fraqueza do meu irmão, eu certamente não o amo”. (PELIKAN, 1967)

v.20 “se o nosso coração nos acusar”. Aqui a palavra é, de fato, “coração” (ao contrário do v.17), e é usada no sentido de consciência (RIENECKER e ROGERS, 1995). Esse versículo trás consolo pois, mesmo que um cristão que tem a fé verdadeira e tem consciência da salvação pela graça, e busca agir de maneira coerente com sua fé (e a partir dela) não consiga ter segurança de que age de maneira correta sempre – aliás, ele pode ter certeza de que não age de maneira correta sempre – ele deve se lembrar que Deus com seu perdão é maior do que a acusação que seu coração faz.

²A palavra aqui traduzida por “de fato” é “*ergo*” que é mais conhecida como obra.

Lutero (1997) dá uma ajuda para que se possa lidar com esse problema na explicação sobre o batismo do catecismo maior: “É assim que devemos considerar o batismo [dom gratuito de Deus] e no-lo tornar de proveito, para que, quando os pecados ou a consciência nos oprimem, nos fortaleçamos e consolemos com isso, e digamos: ‘Todavia estou batizado; mas se estou batizado, então tenho a promessa de que serei salvo e terei a vida eterna de alma e corpo’”.

v.21 “Se o nosso coração não nos acusar, temos confiança”

Esse versículo apresenta de fato uma possibilidade, e deve ser entendido à luz do anterior. Agora que é possível saber que mesmo que o meu coração me acuse e tente acabar com a minha confiança na graça e na salvação, eu sei que Deus é maior, aí então eu posso ter confiança (LENSKI, 1945).

Dentro desse entendimento, ou a pessoa cujo coração a condena é lembrada da graça de Deus, e nela confia e descansa, ou a pessoa já pode ter essa confiança, sem ter passado por essa autoacusação (o que talvez seja bastante difícil). Em qualquer um dos casos, a confiança não se dá porque a pessoa se fia nas suas próprias obras, mas porque ela está segura que “Deus é maior que seu coração”.

v.22 “aquilo que pedimos dele receberemos, porque guardamos os mandamentos.” Esse ‘porque’ pode confundir muito o entendimento, mas é uma noção correta. João retorna a essa ideia em 5.14-15. É importante João mostrar como funciona a convicção e firmeza que devemos ter ao orar. Seria meio estranho que a gente orasse não querendo que Deus escutasse nossa oração ou esperando que Deus não responda nossa oração. Não devemos esquecer que essa promessa que João fez, também foi feita pelo próprio Cristo (João 14.3).

Para Lutero (PELIKAN, 1967), o que João quer dizer é que as orações são ouvidas, mesmo que Deus não responda da maneira que alguém espera, nem mesmo no lugar e tempo que se quer, mas é importante que todos saibam que Deus escuta as orações.

v.23-24 Nos apresentam mais uma vez um retorno a ensinamentos que Cristo deixou bem claro para os apóstolos, tanto a questão de amar o próximo (Jo 13.34) quanto o guardar o mandamento (Jo 14.21).

4. Sugestão homilética

Na epístola de João aparecem algumas vezes expressões parecidas com “e nisto conhecemos” ou “e nisto conheceremos”, etc. Essa expressão é usada para reforçar ou chamar a atenção ao item ou ideia importante que a antecede ou sucede.

No nosso texto essa expressão aparece três vezes: nos versículos 16, 19 e 24. Minha sugestão é que a pregação pode ser dividida nessas mesmas três partes.

A primeira parte destaca a evidente relação da parábola de Jesus com o texto da epístola. O bom pastor dá a vida pelo rebanho, e o bom pastor ter dado a vida é a ação que nos mostra o amor de Deus.

Talvez seja estranho começar um sermão falando do evangelho, mas a sugestão busca seguir o esquema do texto bíblico. Além disso, é justamente essa boa notícia que João usa no versículo 16 para estimular as pessoas a agirem em amor. Nunca é demais lembrar que “nós amamos porque ele nos amou primeiro” (1Jo 4.10).

A segunda parte pode ressaltar que quando se aprende sobre a relação entre graça imerecida de Deus (seu amor) e as boas obras, é feita uma separação didática, para que ninguém pense que é salvo por obras. Mas, na vida real, na vida de todas as pessoas, o amor também deve ser concreto, não somente um discurso. E de fato ele é, pois cristãos, pela graça de Deus, dão suas vidas pelos outros e ajudam uns aos outros.

Aqui pode ser feita uma ligação entre aquele primeiro evangelho e a “resposta” a ele. Por mais que Deus tenha dado sua vida por nós, por amor, o ser humano é imperfeito e não age (nem consegue) agir da mesma maneira e perfeitamente com a mesma intenção que Deus. Por isso, é importante convidar a congregação a refletir sobre seus pecados, e, como o texto nos ensina, especialmente (mas não somente) em relação aos irmãos na fé e a falta de amor para com eles. As pessoas demonstraram amor ou fecharam seu coração? E por que motivos? A aplicação de lei é importante pois a pergunta que João fez aos seus leitores pode ser aplicada hoje também: Se alguém vê ou sabe de um irmão passando dificuldade e não ajuda, mesmo tendo condições, como o amor de Deus pode permanecer nessa pessoa?

Por fim, o retorno ao evangelho é necessário, e pode ser feito usando o versículo 20. Àqueles que o coração acusar, lembrem que Deus é maior que o coração, e ele pode perdoar e de fato perdoa os arrependidos.

A última parte é uma reafirmação de que Deus de fato nos amou e entregou Cristo à morte para que os nossos pecados fossem perdoados. Por isso, pertencemos a Ele e podemos ter certeza, que nos foi dada pelo Espírito que Santo, que esse Deus permanece em nós.

Claro que todas as partes do texto são importantes e se complementam, mas o pregador, que conhece sua congregação vai saber fazer a mistura correta dos ingredientes.

Pastor Daniel Barreira Alves Falkenstein